



UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Henrique Pereira Galvão¹

Jamyle Vanessa Costa Brasil²

Renata Batista da Silva³

RESUMO

O referido artigo configura um discurso contextualizando-se a alienação das mentes da Amazônia e o processo de descolonização destas. O processo de colonização deixou muitas marcas, tais estas, como o encobrimento da nossa história e o esfacelamento da alteridade dos autóctones amazônidas. Ao longo de mais de cinco séculos de submissão, o projeto colonizador perdura na atualidade e a busca pelo resgate da alteridade é uma luta constante de pesquisadores, historiadores, antropólogos e teóricos decoloniais. Tem-se como objetivo estabelecer um diálogo com a história e as teorias decoloniais, a fim de buscar como se deu o processo de apropriação da América e em especial a Amazônia, procurando desvelar a verdadeira história do sujeito amazônida, configurando o passado com o presente, desta forma transpondo as barreiras da alienação eurocêntrica que permeia dentro do projeto capitalista, e assim buscando as vertentes da descolonização da Amazônia e das mentes que nela habitam. O trabalho se embasou em pesquisa bibliográfica apoiando-se em autores decoloniais como Enrique Dussel, Boaventura Santos, Anibal Quijano e outros. Dentro do contexto histórico utilizou-se relatos de viagem como o naturalista Alexandre Rodrigues e outros que contribuíram imensamente com a construção de fontes sobre a Amazônia. O maior desafio do processo de descolonização das mentes é justamente perpassar as barreiras de um projeto de dominação que transcendeu os séculos, usurpando com violência as insígnias da cultura de um povo, não obstante acredita-se que o caminho para descolonização se dá por meio da reescrita da história a fim de se reeducar as mentes.

PALAVRAS-CHAVE: Alienação; Mentes; Descolonização; Amazônia; Alteridade.

A LOOK AT THE AMAZON: THE ALIENATION CONTEXT OF MINDS AND THE DECOLONIZATION PROCESS

¹ Mestrando do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários – PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

² Mestranda do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários – PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

³ Mestranda do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários – PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

ABSTRACT

This article constitutes a discourse contextualizing the alienation of the minds of the Amazon and their decolonization process. The colonization process left many marks, such as the cover up of our history and the shattering of the otherness of the Amazonian natives. Over more than five centuries of submission, the colonizing project continues today and the search for the rescue of otherness is a constant struggle of researchers, historians, anthropologists and decolonial theorists. The objective is to establish a dialogue with decolonial history and theories, in order to find out how the process of appropriation of America and especially the Amazon took place, seeking to unveil the true history of the Amazonian subject, configuring the past with the present, thus overcoming the barriers of Eurocentric alienation that permeates within the capitalist project, and thus seeking the aspects of the decolonization of the Amazon and the minds that inhabit it. The work was based on bibliographic research based on decolonial authors such as Enrique Dussel, Boaventura Santos, Anibal Quijano and others. Within the historical context, travel reports were used, such as the naturalist Alexandre Rodrigues and others who contributed immensely to the construction of sources on the Amazon. The greatest challenge of the process of decolonization of minds is precisely to cross the barriers of a project of domination that has transcended the centuries, violently usurping the insignia of the culture of a people, although it is believed that the path to decolonization is through rewriting of history in order to re-educate minds.

KEYWORDS: Alienation; Minds; Decolonization; Amazon; Alterity.

INTRODUÇÃO

A Amazônia por séculos, foi palco de exploração, dominação e imposição da cultura eurocêntrica. A justificativa para tal, relaciona-se com o projeto de dominação da América por Espanha e Portugal, que devido ao avanço do mercantilismo europeu, ocasionado pela expansão marítima, apropriaram-se de terras desconhecidas, cometendo o maior genocídio da História. Tal fato é encoberto, uma vez que a educação é eurocêntrica e colonizadora, não se conta nos livros didáticos de História a barbárie que foi cometida durante esse processo de dominação. Conforme explana Dussel:

O outro é a 'besta' de Oviado, o 'futuro' de Hegel, a 'possibilidade' de O'Gormam, a 'matéria bruta' para Alberto Caturelli: massa rústica

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

'descoberta' para ser civilizada pelo 'ser' europeu da 'cultura ocidental', mas 'en-coberta' em sua alteridade. (1993, p.36).

Os povos que já habitavam a América foram vistos como seres inferiores, bárbaros, incapazes e necessitados de proteção, essa que se deu por meio da dominação e apropriação do corpo, da alma, da cultura e de sua alteridade. Essa apropriação do outro é o início do projeto de demonização do ser autóctone da América, que julgado por suas práticas religiosas, cultura e costumes foram obrigados a aderir à cultura e à religião do outro dominante.

Desde a “descoberta da América” a intenção foi clara e objetiva quanto à usurpação do território americano, pois de acordo com Dussel (1993, p. 42), acerca da conquista relata que, “agora a figura é prática, relação de pessoa-pessoa, política, militar; não de reconhecimento inspeção com levantamentos de mapas e descrição de climas, topografia, flora ou fauna- de novos territórios, mas de dominação das pessoas, dos povos, dos ‘índios’”, inclusive, esse termo, assim como muitos outros foram empregados aos nativos americanos com a justificativa de que acreditavam ter chegados às Índias.

A prática de dominação dos nativos da América, se deu por meio da violência e esta não se deu somente por meio da barbárie e extermínios dos povos, a maior agressão ao sujeito autóctone, está relacionada com a posse completa do seu ser, além de terem sido escravizados, também foram obrigados a relegar sua língua, práticas religiosas e até mesmo a sua própria essência, deixando de existir como sujeito e passando a viver como animal, que tivera que assumir a forma vívida de seu dominador.

O primeiro ponto foi a linguagem, depois a religião, que justificava o aniquilamento dos “ameríndios”. Afirma Dussel que:

Os conquistadores liam aos indígenas um texto (O 'requerimento') antes de começar alguma batalha contra eles, neste texto se propunha aos índios a conversão à religião cristã europeia para lhes evitar a dor da derrota [...] O índio naturalmente não podia compreender nada do que se propunha. (1993, p. 60).

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Justifica-se por meio das evidências o quanto o europeu não olhava para o “outro” com integridade, reconhecendo-o com igualdade, não obstante, impondo de forma desleal a sua vontade, encobrendo a sua cultura. A alienação do amazônida se justifica por um projeto de colonização que perdurou por séculos e ainda se mantém firme na atualidade.

Foi-se o colonialismo e se deu a colonialidade, uma continuação da prática colonial, contudo, agora mascarada e conjugada ao capitalismo-neoliberalismo. “A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”, conforme Santos (2009, p.73). Dentro desse projeto de dominação-colonização, há uma forte vertente de poder que foi transpassando de séculos por séculos e ganhou uma nova dimensão de dominação do poder mundial.

Essa característica contemporânea está interligada agora a grandes potências mundiais, a Europa deixa de ser centro e entra no cenário de dominação como coadjuvante, o capitalismo está empregado em todas as vertentes sociais, política e econômicas, alimentando-se e fortalecendo-se daquele velho projeto de colonização.

A maior forma de descolonizar é desconstruindo esse olhar único da nossa história de colonização. Segundo Chimamanda Adichie (2016), há o perigo da história única, a desconstrução desse olhar se dá por meio da busca da alteridade, dos valores, da cultura, é importante desnudar esse encobrimento da nossa cultura para buscar novas dimensões, mas esse é um trabalho árduo e lento, uma vez que o capitalismo vem resistindo e se mantendo de pé.

O olhar para a Amazônia sempre foi de conquista e dominação e nada mudou, pois, esta ótica continua sendo a mesma atualmente. A intenção pós e decolonial, é justamente transformar esse olhar colonizador e principalmente dos amazônidas. A exploração da Amazônia se deu por meio de expedições, que tinham o caráter de sondar as riquezas naturais e minerais. A Amazônia é a maior floresta tropical do mundo, com a mais variada flora e fauna, povoada por povos autóctones que ainda vêm resistindo e preservando a sua alteridade, ao menos a pouca que lhes restaram.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

1. OS VIAJANTES

A descrição da floresta amazônica ao mundo é como um ambiente bárbaro e selvagem, percorrida pelas literaturas de viagem a partir do século XIV e que marcaram a floresta como um lugar idílico, tranquilo e encantado. Assim, devemos apontar nas viagens e na literatura sobre a Amazônia, que inauguram relativamente os modos de ver a grande floresta e também sobre viagens, viajantes e representações da Amazônia, como fauna, flora e floresta virgem que ao mesmo tempo em que era endeusada por sua beleza, também era demonizada por “bestas” que habitavam a floresta, porque não tinham dimensão geográfica de seus limites e o fascínio da maioria dos viajantes pelas terras brasileiras, que foi delimitado por estas imagens exóticas, tecidas historicamente no imaginário popular europeu que ensejavam ao mesmo tempo um misto de desejo de aventura, aliado a uma busca pela classificação e organização do mundo natural, mas também um deleite romântico frente às belezas naturais e por fim a máquina do capitalismo que foi o impulsionamento de vários ciclos.

Quanto à natureza, ela tem lugar de destaque nas narrativas de viagens do século XIX, na argumentação de Pratt (1999, p.59), na realidade fauna e flora haviam sido componentes convencionais dos livros de viagem pelo menos desde o século XVI. O projeto de classificação global, ensejado ainda no século XVIII, principalmente porque ambicionava a formatação de um sistema para a classificação universal e que no século XIX ganha força com as obras dos viajantes naturalistas, estes que eram: um conjunto de viajantes jornalistas, cientistas, militares, artistas, com outros olhares nos surpreendem com uma visão transformadora e nos oferecem Amazônia.

Assim, a floresta grande e densa com seus domínios de paisagens foi cenário de realidade, desde moléstias que afetavam não somente a imagem destas paragens, mas também de todo o território nacional e nas narrativas para o público europeu era visto como uma terra de enfermidades e perigos à saúde. Assim, muitas narrativas das viagens ao Brasil relataram que ao falarem que viriam ao Brasil aos seus conterrâneos, estes já enfatizavam o inferno, as bestas e as doenças. Além

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

desta visão ruim ligada às enfermidades, podemos ressaltar que as florestas em suas variâncias como terra de igapó e várzeas, também são mal vistas por serem entrepostos ao desenvolvimento econômico quando ocupam local que poderia servir de pasto para o gado ou áreas que poderiam ser utilizadas para plantações. Aqui reside o último dos olhares mercantilistas, de maneira especial aparecem textos que abordam sobre as produções econômicas da região, com destaque ao reino da flora, para a coleta das drogas do sertão e a criação de gado, no mundo animal. Estes viajantes rotulavam os espaços amazônicos como território produtivo, assim observa-se a recorrência destas imagens tão presentes em outros relatos produzidos por alguns dos numerosos viajantes ou naturalistas que percorreram a Amazônia.

Essa Amazônia dos viajantes foi construída, sobretudo, pelas literaturas científicas de viajantes que percorreram o século XIX e, sobretudo, por aquelas que seguiram os passos, rotas, métodos e formas de ver desde o encontro com o Novo Mundo até a primeira metade do século XIX, postas em circulação a partir das narrativas românticas tecidas, por exemplo, com o naturalista alemão Alexander Von Humboldt, a partir de sua viagem ao Novo Mundo. No início do século XIX cabe destacar que essa marcou uma forma de literatura científica de viagem com forte inclinação no transcurso daquele século, ou seja, Humboldt escreve e descreve a natureza vista através da sensibilidade do naturalista, que transmite à literatura de viagem, assim imprimindo um olhar prevenido do viajante.

Humboldt não produziu uma natureza acessível, coletável, reconhecível e categorizável. Quando a autora em tela destaca essa estética do sublime, parece querer exceder o detalhamento científico à época e a excessiva pessoalidade nos relatos de viagens, como argumenta Pratt (1999, p.213).

Nesse sentido, Humboldt parece tecer uma narrativa científica na qual a natureza está em comunhão com a vida do homem, embora a extirpação do humano no texto seja partilhada com os demais relatos científicos à época, ou seja, era normal entre os escribas viajantes fazer a junção da narrativa científica e sua própria vida.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Os escritos sobre a Amazônia são diversos e as viagens de descoberta inspiraram uma abundância de relatos, diários e livros. O caráter atípico da Amazônia faz com que seja um dos lugares que mais despertaram a curiosidade, os exploradores experimentaram o descrever, o fotografar, o desenhar, um mundo muito distante do mundo ocidental, assim como testemunha e registra a realidade da própria façanha realizada sobre as descrições das florestas, que estão muito presentes nos primeiros relatos. Já a descoberta da alteridade focaliza aos poucos na atenção sobre o viajante e o autóctone, então podemos notar que os viajantes usaram de alteridade mas não houve ruptura no olhar de preconceito racial e superioridade do colonizador em relação aos povos que habitam a Amazônia, sendo explicado por Souza (2001), de que a contribuição de tantos viajantes, mas sem romper a velha tradição da consciência de desigualdade, o discurso colonial, passou a mudar na Amazônia a partir de 1750.

As narrativas dos viajantes se propõem a desvendar os mistérios da selva e desenvolvem-se em torno de figuras recorrentes, das quais destacamos aqui apenas alguns dos tópicos mais comumente difundidos. Se por um lado os relatos têm um valor científico e documental, não deixam de ser um espaço narrativo em que transparece a subjetividade do narrador, assim como o espírito do tempo e as ideologias enfatizadas por Souza (2019). A literatura colonial de crônicas e relações legou uma forma determinada de expressar a região, particularmente curiosa e assustadoramente viva. Perdendo suas bases agressivas, as bases ideológicas que lhe davam consistência, essa literatura repete-se quatro séculos e meio depois, ainda mais conformista e mistificadora que antes.

O narrador exprime uma gama de sentimentos diversos, frequentemente contraditórios, reveladores da complexidade da região, porém no que se refere às populações autóctones, as considerações salientadas aqui são apenas uma amostragem dos julgamentos, em sua maioria depreciativos, afetando suas capacidades físicas, ambientais e intelectuais. Segundo Souza (2019):

“O espírito simulador do discurso colonial legou o velho e gasto conceito de “Amazônia, reserva natural da humanidade”. Contraditoriamente, sua permanência é hoje a comemoração do assalto indiscriminado à floresta, da transformação da selva em deserto e da tentação de vergar a espinha para

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

as diversas ações retóricas de solidariedade que desejam congelar o primitivo. Discurso colonial e discurso preservacionista são aparições do mesmo estoque de arrogância. Na mão direita, o processo de extermínio dos índios e a violação da natureza por uma lógica econômica ensandecida. Na mão esquerda, o bálsamo de um discurso que não é mais que a velha tradição do banquete de palavras, das metáforas discrepantes que pintam tudo em levitações da gramática e do significado, numa anacrônica dimensão equatorial do barroco, para que o homem das selvas nunca se liberte do primitivismo. (SOUZA, 2019)

A desqualificação dos indígenas, pelos viajantes, em relatos, aparece despido da dimensão maravilhosa, à medida que as populações são submetidas ao trabalho forçado e à catequização sistemática, no século XVIII ele integra as ciências naturais durante o século XIX como qualquer elemento da fauna local.

Assim a colonização e a exploração do território vão permitir a construção de um reservatório de imagens que moldam a identidade da Amazônia aos olhos do mundo. A partir dos relatos de viajantes, analisados neste artigo, compreendeu-se que os discursos proferidos sobre a Amazônia, tanto pelos espanhóis quanto pelos portugueses, têm o intuito de descrever para a União Ibérica as riquezas existentes nas terras desconhecidas e garantir grandes investimentos para as colônias para ocupar a região sob seu domínio.

É necessário sobrepujar as práticas e o discurso colonialista, e referindo-se à enunciação histórica, o escritor amazonense Thiago de Mello, (2002), afirma que os de fora continuam a chegar, cada vez mais poderosos da ciência e cobiça. Já chegam sabendo, mais do que nós, sobre o que querem de nós. Nesse sentido, ao longo de seu percurso histórico, a Amazônia vem sendo inventada a partir de um discurso dominador, eurocêntrico e colonialista, por isso tiveram grande importância os relatos dos viajantes, para explicar a Amazônia – o inferno verde, que de forma assustadora seduziu os viajantes pelos seus grandes rios, matas ombrófilas “um novo mundo”.

Desta forma as narrativas e relatos dos viajantes estrangeiros e brasileiros descreveram a complexidade e com perplexidade a vasta região, salientado por Souza (2019), ofereciam ao mundo uma nova cosmogonia: dramaturgia de novas vidas ou espelho de novas possibilidades, tal era o espírito de todas elas, enunciando e formulando o direito de conquistar dos desbravadores europeus.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

2. AS MISSÕES JESUÍTICAS

Em menos de dois séculos de exploração europeia, a região Amazônica, que era formada por diversas culturas, passou a servir exclusivamente aos interesses dos colonizadores. Os habitantes nativos foram escravizados ou forçados a assumir uma nova configuração dentro de um processo que os reduziu maciçamente, no caso da população indígena.

Entre as imposições dos colonizadores vieram as missões religiosas, principalmente dos jesuítas (expulsos em 1759, acusados de tentarem criar um estado próprio no reino de Portugal) e dos franciscanos, com o intuito de converter os índios à fé cristã e utilizar sua mão de obra e força de trabalho. O processo de colonização subjuguou e exterminou as culturas e grupos sociais consolidados há séculos, mutilando os povos e destruindo suas identidades. Segundo discorre Migñolo:

As diversas vozes contidas nos “discursos narrativos da conquista” veiculam-se, sob três formas principais: o “discurso mitificador”, que opera uma ficcionalização tanto da realidade do Novo Mundo quanto da natureza e do significado do processo de conquista, o “discurso de desmitificação” (discurso narrativo do fracasso) que questiona os modelos formulados pelo primeiro deles, e o “discurso narrativo da rebelião”, que estuda o processo de crise e liquidação simbólica dos mitos e modelos anteriores. (MIGÑOLO, 1982, p. 57)

Pensar sobre a experiência das missões religiosas jesuíticas na América Colonial, requer, necessariamente, analisá-las sob variados aspectos. De fato, os povos que estiveram assistidos pelas companhias foram, sob a perspectiva da ordem, um modelo de evangelização, que esteve baseado na presença permanente dos religiosos junto às populações a serem doutrinadas.

Porém observadas sob outro viés, as reduções podem ser definidas como uma estratégia de “civilização”, uma vez que se entendia necessário transformar

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

“gente rústica em cristãos civilizados com a contínua pregação do evangelho”, segundo o padre Antonio Ruiz de Montoya em 1639 (1985, p. 20).

Analisando-se o trabalho missionário jesuítico durante as primeiras décadas de atuação no Brasil Colonial, apontam-se aspectos reveladores que contestam a visão de serem os jesuítas os principais representantes de uma postura etnocêntrica. Temos como exemplo as Missões jesuíticas no Estado do Maranhão e Grão-Pará durante meados do século XVIII, com o objetivo de se investigar os aspectos encontrados nos dois primeiros séculos de atuação missionária no Brasil que ocorreram nas Missões do Amazonas durante as décadas que antecederam a expulsão da Companhia de Jesus de todo o Império Português.

De forma análoga aos estudos sobre as Missões no século XVI, há a possibilidade de se encarar os motivos de permanência das práticas nativas de acordo com as três categorias: a flexibilidade presente no modo de proceder dos jesuítas, a resistência indígena e os limites de percepção do colonizador diante dos muitos elementos da cultura indígena.

Além disso, a eclosão de culturas mestiças no caso brasileiro não deve ser entendida apenas como fruto da resistência indígena e muito como sendo apenas gerada pela incompreensão dos catequizadores. Devem ser acrescentadas a tais causas a tolerância e a flexibilidade, presentes no modo de proceder dos missionários jesuítas. Não obstante as características apresentadas pelo “modo de proceder jesuítico”, é preciso levar em consideração a especificidade da colonização ocorrida no Brasil, se comparada com a que ocorreu nos Andes e no México.

Segundo Gruzinski (2001, p. 81), a “fraca presença portuguesa impõe ritmos mais lentos e, ao mesmo tempo, deixa margem maior aos grupos de interesse e aos indivíduos estabelecidos na terra”. De forma análoga, ao analisarmos as características da sociedade colonial paulista, Sérgio Buarque de Holanda nos mostra que a ação colonizadora se realiza, aqui, por uma contínua adaptação a condições específicas do meio americano.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Por isso mesmo não se enrijece logo em formas inflexíveis. Retrocede, ao contrário, a padrões primitivos e rudes: espécie de tributo pago para um melhor conhecimento e para a posse final da terra (Holanda, 1994, p. 10).

Se, nas primeiras décadas, o estudo sobre o trabalho de catequese jesuítico revelou as falhas e tolerâncias do projeto quanto à busca em substituir as características desejáveis das culturas dos povos aqui encontrados, podemos dizer que ele permaneceu ocorrendo nas Missões estabelecidas na região do Amazonas no século XVIII.

Desta forma, as situações encontradas nos relatos dos missionários apontam não só a permanência de muitos costumes indígenas e não a simples substituição destes costumes como também a possibilidade de eclosão de formas culturais mestiças.

O espaço em que se desenvolveram as chamadas Missões de Maynas, por exemplo, corresponde, hoje, a uma imensa região na Amazônia Ocidental, abrangendo territórios do Oeste do Brasil, Sul do Equador, sul da Colômbia e Norte do Peru, e que era habitada por uma grande diversidade de grupos indígenas ao tempo em que se iniciou a colonização espanhola na área. As missões que os jesuítas desenvolveram nesta terra a partir do início do século XVII receberam tal denominação em virtude do nome pelo qual era conhecido o grupo que foi o primeiro objeto de suas investidas na área.

A missão começou por obra dos jesuítas da Província de Quito, a partir do envio, em 1638, dos padres Gaspar de Cugia e Lucas de la Cueva para a cidade de “San Francisco de Borja”, “única frontera y cabeza en este Gobierno”, a fim de ajudar na pacificação de índios maynas rebelados (FIGUEROA, 1986 [1661], p. 154). Portanto, a exemplo de outros espaços, essas reduções deveriam constituir-se em um meio de pacificação do território e de sujeição dos índios aos poderes civis e espirituais.

Embora avaliassem que a diversidade das línguas, a “rudeza” dos índios, assim como seu nomadismo fossem obstáculos grandiosos para a catequese e conversão, os missionários não deixam de compreender e registrar que a violenta dominação exercida pelos espanhóis era um dado primordial neste processo.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

La causa es el irse los maynas frecuentemente, ó por trabajo y malos tratamientos que les dan los españoles, ó por hambre, y no tener en sus pueblos y ciudad la carne y pescado con la abundancia que en los arcabucos, lagunas y ladroneras suyas ... (FIGUEROA, 1986 [1661], p. 163- 164).

Mucho trabajo ay, y tiene la caridad y zelo de los padres buena material y lugar en qué exercitarla, armándose de paciencia: (...) y aunque es todas aquestas naciones, es mucho más en la de los maynas, por ser tan amigos de huirse y huir de los españoles, con quienes están como biolentados y aburridos, y cuyos bautismos es fuerça hazerlos en breve tiempo, porque no tienen lugar ní comodidad de gastar mucho en disponerse y deprender las oraciones, como ay en las otras reducciones que no tienen sobre sí el embaraço de las ocupaciones en que los ponen los españoles, ní la incomodidad de Borja y sus tambos y estancias en que tienen sus pueblos divididos... (FIGUEROA, 1986 [1661], p. 165).

Vale ressaltar que suposta indolência dos índios é de grande importância para a criação da teoria do determinismo geográfico que se desenvolveu posteriormente. A autarcia também foi usada para justificar a dificuldade de transformação regional, pela empresa colonialista, em terras amazônicas.

Os indígenas eram tidos como, acostumados a uma rotina de caça e pesca ritual, à pintura dos corpos, sem roupas e apenas com objetivos de subsistência, como ocioso e com atitudes consideradas de pessoas preguiçosas. Os europeus comparavam esta cultura das populações tradicionais a animais irracionais, sem vontade própria, vistos como obra de Deus a serem evangelizados e a partir disso poderiam ajudar na conquista.

Assim, entre o medo, desconfiança e a necessidade de operar nas circunstâncias desta região de fronteira, fronteira essa entre poderes, entre horizontes simbólicos, entre esperanças e desejos, a Missão de Maynas enfrentou a necessidade de fazer-se e refazer-se constantemente, de acordo com o que era possível aos padres e aos índios.

3. O PROCESSO E A IMPORTÂNCIA DE DESCOLONIZAÇÃO DAS MENTES

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

O grande desafio do século XXI é trabalhar a descolonização das mentes e a transformação do olhar para a Amazônia, pois o eixo de educação eurocêntrica transcendeu os séculos e permanece viva na atualidade. Aprendemos na Educação Básica, no ensino de História, da Geografia, a versão construída por viajantes, que se deslocaram de diversos lugares da Europa em busca da resplandecente Amazônia, o Eldorado do Novo Mundo.

Vieram pela miragem, ilusão e o maravilhamento ao exótico, com as mentes pré-concebidas de histórias contadas pelos primeiros viajantes que estiveram presentes no “Novo Mundo”. Dentro do projeto de colonização do Brasil e em especial da Amazônia, encontram-se as vertentes externas do olhar do viajante sobre a grandiosidade do cenário amazônico, revestidas de lendas e hipérboles que ultrapassaram os limites da imaginação.

Mediante o processo de construção da história em relação à Amazônia, deu-se por uma construção de dominação e imposição ao outro. A grande vertente deste modelo estabelece não somente no domínio territorial, contudo, na necessidade de apropriar-se do outro por completo. E atualmente isso ainda ocorre, segundo (Nenevê e Sônia, 2015, p 29.), “O autor normalmente vem preparado com todas as informações que poderão ser úteis, informações em seu ambiente, em sua cultura”. Ainda escrevem a Amazônia com a ideia eurocêntrica, apegados às falácias, construindo obras e pesquisas com o olhar distorcidos sobre os gentis da terra.

É dentro destas reverberações que os críticos pós-coloniais e decoloniais atuam no processo de reconstrução da história, a partir da investigação e busca pela cultura e alteridade, desenvolvendo estudos sociais, ensejo ao processo de raça, gênero e classe. Como sugerem Nenevê e Sônia:

“Nosso argumento, portanto, é que é necessário descolonizar esse conhecimento. Precisamos ouvir as vozes locais prestar atenção nas pesquisas que são feitas por estudiosos da região, dialogando com a grande diversidade de perspectivas, pontos de vista e interpretações dos mesmos”. (2015, p.29).

Em relação ao processo de descolonização é que se dá, a partir da corrente crítica pós-colonial e decolonial, explicações para tal alienação e maneiras de lutar

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

contra esse sistema opressor. Muito se busca estabelecer e desvelar o diálogo com as novas práticas de permanências da velha forma de colonização que com o passar dos séculos se transmutou. A partir de novas ideologias e em detrimento desta é que Boaventura Santos (2009) e Anibal Quijano (1997), trazem as colonialidades, que é a forma contemporânea de colonização das mentes e dos corpos:

“Desde o século XVIII, sobretudo com o iluminismo, no eurocentrismo foi-se formando a mitológica ideia de que a Europa era pré-existente e esse padrão de poder, que já era antes um centro mundial de capitalismo que colonizou o resto do mundo, elaborando por sua conta, a partir do seio da modernidade e da racialidade”. (Santos, 2009, p.75)

Percebe-se claramente a intenção eurocêntrica do processo de colonização por uma justificativa de superioridade racial. A construção do ideário de colonização não é criada dentro ou a partir da Amazônia, não obstante é um dos elementos que irão fundamentar o aniquilamento dos autóctones, não somente um genocídio dos corpos, mas também de sua cultura, irão desvestir o ameríndio de suas raízes e impor vestes de uma cultura alheia às suas vertentes de alteridade. Dentro da ótica de Santos (2009), vemos:

“Consolidou-se assim, juntamente com essa ideia, outro dos núcleos principais da colonialidade/modernidade eurocêntrica: uma concepção de humanidade segundo a qual a população do mundo se diferenciava em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos” (Santos, 2009, p. 75)

E desta forma injetaram nas mentes a mitificação de superioridade, a partir da raça, da bestialidade, da antropofagia, do paganismo e de todas as práticas da cultura ameríndia. Houve a justificativa de evangelizar, dentro desse processo de evangelização/catequização, trazendo civilidade que iniciou o processo de alienação, colonizaram a terra, as pessoas e sobretudo a mente, que foi o ponto chave de dominação do sujeito.

A colonização apresenta as suas vertentes de dominação por meio de um projeto entre colonizador e colonizado, este se dá por meio da escravização, uma relação entre a metrópole e a colônia que enriquece através do trabalho do escravizado, neste sistema o colono é quem mantém o poder sobre tudo e todos, o

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

seu único objetivo é transformar a mão de obra em capital, quando o escravo já não pode mais produzir é vendido como uma mercadoria. Dentro do sistema de colonização contemporâneo não é muito diferente, utiliza-se a mão de obra do colono por um valor menor do que se pagaria a um trabalhador da metrópole, ou seja, o salário de um metropolitano, paga três colonos que têm as piores condições e trabalham de forma incessante.

De acordo com Memmi, (2007), o mito nasce para justificar as práticas de inferiorização do colonizado, o mesmo sempre será visto como preguiçoso e incapaz, a justificativa para tal, se dará pelo fato do autóctone não ter alma e ser um animal que necessita ser adestrado, este projeto trabalhará o psicológico, transformando-o e modelando aos seus anseios para que seja obediente, dócil e pacífico, por mais que seu trabalho seja bem feito sempre será visto pelo colonizador como um ser desprovido de talento e capacidade de produção, jamais terá direitos de falar impondo a sua opinião, não terá vez e nem voz, este projeto se consolida tanto na colonização com a mão de obra escrava como paga, não importa a forma, sempre será um modelo único, colocando o sujeito como um ser inferior. Ainda segundo Memmi:

“Assim como a burguesia propõe uma imagem do proletário a existência do colonizador demanda e impõe uma imagem do colonizado. Alibis sem os quais o comportamento do colonizador e o do burguês, suas próprias existências, pareciam escandalosas. Mas expomos a mitificação porque ela lhes convém bastante” (Memmi, 2007, p. 117)

Independentemente da localização geográfica, este projeto se consolidou de diferentes formas, da África à América, não podemos nos distanciar da realidade dos outros continentes que tiveram esta prática consolidada e que veio se reproduzir na Amazônia, a partir das navegações que se propagaram através da união entre reino e clero com o objetivo de conquistar riquezas e levar a palavra de Deus aos povos perdidos. Esta parceria funcionou muito bem, os missionários Jesuítas em nome de Deus foram responsáveis por condenar as práticas religiosas, demonizar seus costumes e afirmar a imagem do ameríndio como um ser desprovido de culturas e carentes dos seios religiosos eurocêntricos.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Como salvadores destes povos, proibiram seus cultos e de forma violenta retiraram sua alteridade, a fim de consagrá-los a uma civilidade dentro dos princípios católicos. Isso ocorreu por séculos e transpassou para a atualidade esta herança cultural, que configurou o sujeito aos moldes do projeto de colonização, desta forma a alienação está intrínseca na educação da sociedade contemporânea.

Para vencer e se desprender destas concepções se exige um processo de reeducação e consciência do sujeito contemporâneo, é necessário haver um reconhecimento e lutar contra os moldes da civilidade europeia que está impregnada nas ações e atitudes dos cidadãos, essa “herança” trouxe mais que uma figura europeia, não obstante à continuidade das velhas práticas coloniais, que o cidadão se sujeita pelo simples fato de não conhecer a “história mítica” inventada pelo europeu. Segundo Dussel:

“Trata-se de ir à origem do ‘Mito da Modernidade’. A Modernidade tem um ‘conceito’ emancipador racional que afirmaremos, que subsumimos. Mas, ao mesmo tempo, desenvolve um “mito” irracional, de justificação da violência, que devemos negar, superar. Os pós-modernos criticam a razão moderna porque é uma razão do terror; nós criticaremos a razão moderna por encobrir um mito irracional”. (1993, p. 7).

Legitima-se a violência e opressão em detrimento do mito da modernidade, visto que foi um processo que se iniciou na Europa, contudo, se consolidou na “descoberta do novo mundo a partir do encobrimento do outro, logo este foi um mito criado para se apossar das novas terras e de quem nela habitasse e a renegação deste mito e destas práticas é o início da descolonização das mentes, abnegar esta história é marcar um recomeço, uma nova forma de enxergar o mundo como ele deveria ser, com direitos e igualdade social, desprezando a burguesia e lutando por equidade, alteridade, reconhecimento e justiça.

Esta luta envolve não somente a ideologia política, mas também os aparelhos do estado, as esferas governamentais, resgatar as raízes não significa voltar ao passado, mas carregar consigo as vertentes sólidas dos antepassados ameríndios e negros que derramaram tanto sangue para consolidar o progresso, o desenvolvimento e o enriquecimento da metrópole e das elites. Ainda há marcas de resistências das raízes/alteridades dentro das aldeias indígenas e das comunidades

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

quilombolas. A preservação, o respeito e a abertura social para a classe subalterna fazem parte do processo de descolonização. De acordo com Dussel:

Para muitos como Montaigne ou Richard Rorty, a existência empírica de diversas culturas, 'mundos da vida', são incomunicáveis, incomensuráveis. A tarefa, repito, deverá consistir em desenvolver uma 'teoria' ou 'filosofia do diálogo'- como parte de uma 'filosofia da libertação' do oprimido, do incomunicado, do excluído, do Outro". (Dussel, 1993, 8).

Como eixo de discussão, Dussel (1993) roga pela necessidade de uma comunicação inter-cultural como uma filosofia de libertação. Este contato entre culturas diferentes reafirmará a alteridade dos oprimidos que foram obrigados a abnegar a sua cultura. Atualmente o fator principal do desafio de descolonização é justamente a falta de reconhecimento da alteridade, fomos educados à luz cristã, muito pouco se restou da herança cultural dos autóctones desse "Novo Mundo", e o que restou está fechado entre aqueles que resistiram duramente e hoje guardam os seus costumes a sete chaves, passando de geração a geração a tão grandiosa raiz de conhecimento e sabedoria empírica de seu povo.

Há uma minoria autóctone, que vive ameaçada, os ameríndios ainda lutam como guardiões do eldorado, defendem as suas terras, que por sinal, também é nossa, mas esta luta a cada dia se torna mais difícil, pois não é fácil combater a elite que anseia de forma ambiciosa em destruir a fauna e a flora para transformar em campos de agronegócios e a justificativa é o progresso e o desenvolvimento do país, não obstante, é o reflexo do "velho mito da modernidade.

A partir dos conceitos de colonialismo sobre a égide decolonial, Quijano, destaca, *O novo padrão de poder mundial*:

"Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundante das relações de dominação que a conquista impunha. Sobre essa base, em consequência, foi classificado, a população da América, e do mundo depois, no referido novo padrão de poder. De outro lado a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial"., (Carvalho e Tosat, 2020, p, 32).

Esta forma de padrão mundial serviu como aporte para atender a necessidade capitalista dos meios de produções, uma vertente de dominação,

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

transcendendo a América, que teve como modelo o desenvolvimento deste sistema, posteriormente teremos essas reproduções, a partir da colonização inglesa e francesa em países da África e Ásia, dentro desses moldes, teremos a segregação e a definição das pessoas, por uma justificativa de raça.

Em detrimento desse padrão de poder mundial, surgem as práticas neocoloniais que estão presentes em nosso eixo social em razão do capitalismo, estas que causam desigualdade social e “escravização” da classe proletária, com isso Mbembe apresenta em seu discurso o neoliberalismo da seguinte maneira:

“O neoliberalismo baseia-se na visão segundo a qual todos os acontecimentos e todas as situações do mundo vivo (podem) deter um valor no mercado. Este movimento caracteriza-se também pela produção da indiferença, a codificação paranóica da vida social em normas, categorias e números, assim como por diversas operações de abstração social que pretendem racionalizar o mundo a partir de lógica empresariais. Assombrando por um duplo funesto, o capital, designadamente o financeiro, define-se agora como limitado[...]”, (Mbembe, 2014 p.13).

No período colonial, o “apartheid” foi em prol do capital, hoje o mesmo se configura pela falta deste. O indivíduo não tem valor e a sua aniquilação ocorre de forma desumana, o sujeito subalterno só tem “valor” quando tem alguma serventia para o meio de produção, do contrário é descartado. É desta forma que o capitalismo trabalha e assim se configura a ideologia neoliberal. O marginalizado que vive às franjas da sociedade é impossibilitado de emergir, pois a ideologia, afunda-o dentro do mar chamado capitalismo.

Ao combate das práticas perversas deste sistema, as classes minoritárias devem se posicionar, a partir da desconstrução das vertentes capitalistas, dando lugar à “filosofia da libertação”, afinal, como emergir sem se desprender das correntes do “Mito”, que surgiu juntamente com a modernidade e se transmutou ao logo dos séculos se fortificando e ganhando uma dimensão de poder mundial no período contemporâneo.

É um grande desafio desconstruir essa história única, que não olhou para a espacialidade como ela realmente é, descartou a alteridade do sujeito, abnegou a multiculturalidade que está presente em cada região, escrevendo uma única versão

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

do sujeito. A importância de desvelar essas falácias, que estão presentes na história da construção da Amazônia é um dos primeiros passos na jornada de descolonização das mentes.

Chimamanda apresenta em seu discurso, uma visão desse processo de construção da história, a partir da seguinte passagem:

É impossível falar sobre a história única sem falar de poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer 'ser maior do que o outro'. Assim como o mundo econômico é político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito do poder". (Adichie, 2009, p.13).

Desta forma, é necessário, reeducar essas mentes, fazendo com que esses discursos cheguem ao encontro dos amazônidas, e não somente a história contada pela elite soberana. A valorização dos autores, romancistas, poetas, jornalistas e todo o seguimento de literatura regional são fundamentais para desmascarar a configuração da história única. Os escritores regionais escrevem a cultura, a alteridade, apresentam denúncias e constroem uma história sólida, com olhares múltiplos e identitários para e sobre os povos locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos pós-coloniais, analisamos de forma crítica as estruturas de colonização fazendo uma epopeia na história, buscando a égide da dominação e da classificação do sujeito subalterno, desvelando a forma como a educação ocorreu e desta forma descobrindo-se como foi injetado o sistema de alienação das mentes da Amazônia.

Durante todo o percurso de colonização, é importante ressaltar as interfases deste discurso através da prática de dominação do colonizador sobre o colonizado, se fazendo compreender como se deu esta dominação e como podemos fazer este processo de descolonização, pois em pleno século XXI ainda temos vívido este espírito de dominação, decorrentes do colonialismo, capitalismo e neoliberalismo.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Foi importante fazer este estudo, a fim de compreender o processo histórico e se fazer um aparato, buscando-se o descolonizar, ressaltando-se por meio dos relatos dos viajantes e missões na Amazônia, visto que a história foi construída por um viés dos viajantes, por meio de seus discursos que foram sendo cristalizados ao longo dos tempos.

A partir da ótica do processo de colonização e toda reverberação em que se deram as práticas coloniais, que estão internas aos sujeitos, seja pela incorporação da vertente capitalista ou pela educação eurocêntrica, o subalterno deve lutar e resistir às amarras destas ideologias opressoras. O desvincular, implica em tomar para si a consciência da realidade a qual fomos sujeitados. Aos pesquisadores cabe a missão de transfigurar a história que, ao longo dos séculos foram escritas de uma forma única, sem dar voz ao sujeito, e muitas vezes, a partir de relatos de viajantes que passaram pela Amazônia sem ter tido familiaridade com o outro, estabelecendo uma zona de contato, a fim de ouvir as vivências regionais, uma escrita estabelecida, a partir de preconceções errôneas em relação ao amazônida.

É preciso ter consciência que a luta pela descolonização das mentes é contra um grande poder, que ecoa seu discurso à sua versão, uma versão desconfigurada da realidade do autóctone, do mestiço, do migrante e das relações entre essas culturas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. Trad. Julia Romeu, São Paulo, Schwarcz, 2009.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues NENEVÊ, Miguel; **SAMPAIO**, Sônia Maria Gomes. *Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização*. Rio Branco, Acre, Nepan, 2015.

CARVALHO, Alonso Bezerra, **TASAT**, José Alejandro. *Pensar em movimento: pensadores Latino-Americanos para a sala de aula*. Ed. Marília, São Paulo, Anticapital, 2016.

DUSSEL. Enrique. *1492 O encobrimento do outro*. Trad. de Jaime A. Clasen, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA: O CONTEXTO DE ALIENAÇÃO DAS MENTES E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

FIGUEROA, F. Ynforme de las Misiones en el Marañón, Gran Pará o Río de las Amazonas por el padre Francisco de Figueroa, 1661. In: CETA. Informes de Jesuítas en el Amazonas (1660-1684). Iquitos: Monumenta Amazónica, 1986.

GRUZINSKI, S. 2001. O pensamento mestiço. São Paulo, Companhia das Letras, p. 398.

HOLANDA, S.B. 1994. Caminhos e fronteiras. São Paulo, Companhia das Letras, p.301.

MBEMBE, Achile. *Crítica da Razão Negra*. Trad, de Marta Lança. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 20014.

MELLO, Thiago. Amazonas, pátria da Água. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas e relações do descobrimento e da conquista. Madri: Cátedra, 1982.

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani Bonfim. Bauru: EDUSC, 1999.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento em América Latina*. In. Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

SOUZA, Márcio. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Editora Valer, 2009

SOUZA, Márcio. Breve História da Amazônia. [1994]. Ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2001.

SOUZA, Márcio. História da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2009.